

## Tesseract

Jonatas T. Barbosa

### AFORISMAS HERMÉTICOS

I

Os pessimistas diziam que o mundo, ao nascer, não fora mais que a flatulência de algum inseto asqueroso a vagar pelo caos. Nada de importante. No instante derradeiro, tudo chegaria ao fim, e criam que nos restava apenas esperar o chamado da última estrela, provavelmente o sol, e depois, tudo retrocederia ao ponto zero, ou talvez ao ovo cósmico, ou a qualquer horizonte de similar natureza, para novamente se expandir até o novo fim, e retornar, expandindo e retraindo ciclicamente. Isso, eles afirmavam, aconteceria se o espaço não antes dilacerasse toda a matéria em sua competição expansiva contra o tempo. Eram pessimistas porque, apesar de negarem até no leito de morte, ele se importavam.

II

Aqueles que creem na chama do progresso, diferente dos pessimistas, tem por fé o domínio do tempo e do sol, da matéria e consciência, como uma criança brincando com um quebra-cabeças ou massa de modelar. Para eles, talvez tal crença fosse conduzida por processadores de silício capazes de dobrar o espaço feito papel, depois de decodificar as manobras de refração quântica que é, em sua sentença, a nossa última fronteira. Mas não esperam nada além do controle. Sua fé é grande. A dimensão de um grão de mostarda em cristal de transferência de dados. Nada mais.

III

Já os niilistas não se importam com a direção do tempo ou com o progresso do homem. Pouco se importam se o tempo vem e vai numa cadeia de quedas e nascimentos infinitos. Todos estão mortos.

#### IV

Entendemos assim que não há maneira de contar fatos acerca dos interstícios na extremidade do tempo. Nem como se afirmar racionalmente se, ao infinito sem lados, interior ou exterior, corre o lago dessa versão tesseractica de um em muitos de nós. Há sempre dúvidas ou certezas que se confrontam. Todavia, alcançar os interstícios seria como arriscar-se em um jogo sem peças ou tabuleiro. Se para além do tempo se originou a própria razão e a ordem de ser, então, toda ela se tornou volátil, como a crença e o arbítrio, porém, de algum modo (que aqui não cabe), a verdade sublimou para além da mesma ordem. E, apesar de remoermos a ignorância em nossas entranhas, ainda que encarando as dificuldades do impossível, tentaremos abastecer nossa curiosidade a despeito dessa condição terrivelmente maravilhosa em que nos encontramos agora, um tesseract, uma espécie de cubo infinitamente dentro de outro cubo atados pela quinta dimensão.

#### ROD.

Começamos com um homem. Ele está na frente do espelho a afeitar a barba. Mal vê o formato do rosto refletido na superfície suja. A lâmina afiada está a um centímetro da garganta. A mão treme. Há uma cicatriz grande na palma. O vapor sobe, incomoda os olhos. Não sabe se deve raspar. Talvez seu dia seja melhor se mantiver os pelos no rosto. Rod Arven há algum tempo encontra-se com bloqueios criativos. Pensava que não era possível ser um escritor relevante por achar que já não havia mais sobre o que escrever. Resmungava pelos cantos por já terem escrito praticamente sobre tudo de todas as formas. A ideia de ser lembrado como mais um escritor medíocre lhe dá nojo, então, ele fica em frente

ao espelho, suspira com a navalha entre os dedos e se observa. A tarde está negra, como se o sol fosse estrangulado pelas nuvens. As janelas cobertas por camadas grossas de poeira filtram a luz morna. Não tem amigos para conversar. Não quer animais de estimação por perto. Há um mês, cão cocker adoecia constantemente. Quase encontrou a morte uma dúzia de vezes. Achou melhor deixar o animal na casa de campo de seus avós. Depois Rod começou a alimentar uma gata prenha que atendia pelo nome de Báster. Não chegou a conceber os filhotes. Há uma semana, quando pulou o beiral da janela não calculou bem a distância, mergulhando do quarto andar até atingir o asfalto. Tinha a impressão de que ouvia seus miados pelos cômodos. Antes de a gata aparecer, Rod recebia visita frequente. Uma garota que ele chamava de duendeda-sorte. Costumava comprar bebidas e deixar a casa um pouco mais limpa por causa dela. Gostava quando lhe pedia um casaco ou uma camisa emprestada quando estava frio. Podia sentir seu cheiro depois. Devia estar longe agora, com um estrangeiro. Arven não sentia falta de nada. Precisava apenas conversar com alguém, ouvir uma voz além da sua. Não queria ter de escrever mais um livro sobre como ser um homem de sucesso. Era um escritor medíocre, mas escritor. Precisava de material, de coisas interessantes que não fossem amenidades simplórias. Fitou o espelho sem saber o que fazer com a barba, buscando alguma profundidade naquilo. Fantasiava seus escritores favoritos passando pelo mesmo problema. Parecia um amador. Não chegaria a lugar algum, pensou. Alguns escritores se arriscavam na estrada ou mergulhavam nas drogas e no álcool. Dalton Mastre, renomado autor de biografias e especialista em literatura militar, gostava de se gabar das experiências que tivera durante a guerra. Arven não se arrependia de ter quebrado uma garrafa de vodca na cabeça daquele paspalho. Não o odiava. Desde que fora expulso do encontro mensal de escritores do distrito, se sentia como um móvel oco, um armário vazio coberto de pó. Eu diria que seu coração batia uma vez por noite. Atravessava os dias andando de um lado ao outro, procurando nos cômodos algo que justificasse uma palavra escrita no papel. Às vezes passava horas

lendo “Lanark” ou colorindo as ilustrações da coleção “Tesouros da Juventude”, e depois os usava como travesseiro recostando a cabeça na pilha de livros a espera do sono. Cada dia dormia em um canto sem se preocupar se estava sujo demais. Nenhum espaço parecia diferente quando acordava. Era a mesma casa. Sabia disso porque ouvia os ratos rastejando no interior das paredes e sob o assoalho. Chegara a dar nome a alguns deles. Enquanto houvesse ratos saberia que estava no lugar certo. A TV estava sempre ligada no canal educativo. Costumava assistir a um seriado em preto e branco cuja música introdutória parecia sessão de hipnose. Nessas horas gostava de se embriagar. Terminava soterrado por latas de cerveja e garrafas de vinho barato, iluminado apenas pela luz da tela. Também recebia periodicamente um semanário contendo artigos sobre nova era, religião e autoconhecimento. Não se interessava por isso, mas dava alguma ideia sobre o que dizer. Yoga ariana, budismo tântrico, mediunidade, até relatos sobre contato telepático com marcianos. Passava os olhos sobre as páginas e coçava a barba. Estava ficando bem espessa. Decidira, naquela manhã, que iria ao banheiro encarar-se no espelho. Mas a cabeça doía como se tivesse uma esfera com espinhos metida nela. Entrou debaixo do chuveiro. Ficou sentado no chão ouvindo Mozart no rádio, esperando que a água lavasse a dor de dentro da cabeça. Não adiantou muito. O globo ocular parecia a ponto de explodir. Desistiu de afastar a dor. Ainda nu e encharcado, encarou o reflexo turvo, esfregou o sabonete e cobriu o rosto com espuma espessa. Abriu um estojo inox e tirou o barbeador antigo. Ajustou a lâmina.

Os dedos estão dormentes. Não sente as mãos. Permanece estático como um boneco de gesso. Teme tocar o rosto com o fio. A última vez que se cortou tinha dezesseis anos. Era provável que nunca mais se encontrassem. Arven teve a ideia de selarem a amizade com sangue. Seu amigo concordou. Mas isso foi há muito tempo e ele teme se machucar. Não consegue ver bem o próprio rosto. Respira fundo. Conduz a navalha, observando os borrões de pasta de dente.

Encosta o fio à altura da garganta. Quando eleva o pulso, a lâmina escorrega. Ele ajustou mal o barbeador. A navalha está solta. Não sente dor a princípio. Mas se assusta quando põe o dedo e nota o fluido vermelho pingando no chão. Arven joga o aparelho na pia e arruma uma toalha. Acalma-se. Levanta a cabeça para ver o ferimento melhor. A imagem no espelho não se move. É como olhar para uma cena congelada. Rod esfrega a superfície e espalha a sujeira até conseguir ver perfeitamente. O rosto inexpressivo, o pescoço também machucado, mas a imagem não o imita. Rod continua a esfregar a toalha como se estivesse removendo lodo de um pântano. O reflexo não estava estático como havia pensado. O chuveiro ainda pinga atrás dele. Alguns segundos se passam. Liga a água para notar se haverá mudanças. Nada. Nenhuma gota a mais. O chuveiro do reflexo não corresponde ao real. Desliga o fluxo e se aproxima, calmo. Pensa se não seria como uma janela estranha. Já lera algo sobre isso no semanário ufo-espiritualista. Talvez pudesse enxergar os ângulos mais obtusos do outro lado. Ouve o som de gotas vindo de dentro. Em seguida, um suspiro. Rod salta imediatamente para trás e tropeça, agarrando as cortinas do box. Enquanto se levanta, os olhos baços no espelho parecem apontar em sua direção.

- Terminou? - ele ouve sem saber exatamente de onde.

Rod não consegue evitá-lo. Sente o corpo como mergulhado em uma bacia de gelo. Não grita. O estômago revira de dor. Então corre para a porta. Contudo, ao invés de atravessar o corredor até a saída como pretendia, as dobradiças abrem para fora e conduzem a um banheiro exatamente igual. Bate a porta que volta como se ignorasse a dobradiça, em seguida, ele a tranca.

Assustado, corre para o basculante estreito que dava para o fosso do prédio. Do outro lado, ele não vê a queda, mas um terceiro banheiro, perfeitamente igual. Há um homem bastante parecido com ele, também nu, tentando sair pela porta no lado oposto, e ao abri-la, tem a impressão de testemunhar o encontro entre gêmeos idênticos. Rod. fecha a janela imediatamente, travando-a com um cabo de vassoura.

- Vamos lá, Rod. Não deve ser tão difícil assim.

- O que você quer? – ele esbraveja cuspiendo saliva.

É a primeira vez que ele vê os lábios se moverem no reflexo.

- Não me olhe assim, Rod. Não devia se sentir tão mal. Isso aqui é o mais perto que vai chegar de Deus.

A coisa continua inexpressiva. Os músculos supercontrolados. Ele procura algum tom de ironia.

- Está vendo a lâmina de barbear?

Não consegue ver nada. Os olhos marejam.

- Não adianta começar a chorar. Estamos juntos nessa, Rod. É a sua história. Aqueles caras lá fora, você sabe. Eles fazem parte. E se quer saber, tem outro, o primeiro Rod, o mais importante, ele precisa de nós.

Com os dentes trincados, Rod sente os nervos se espremerem nos ossos. Pega a lâmina de dentro da pia e ergue na altura do rosto, como se fosse barbear o reflexo. Uma barata sobe pelo outro lado do espelho de modo que pode ver as patas por baixo. A coisa se inclina para trás e depois para frente, dando a impressão que fosse atravessar. Imitando-o, o reflexo eleva a lâmina para a própria garganta, diz:

- Precisamos de você, Rod.